



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

A construção das idéias de herança cultural, etnicidade e identidade na arena turística do roteiro cultural Caminhos de Pedra - RS¹

Rita Lourdes Michelin²

Universidade de Caxias do Sul - UCS

Resumo

O presente artigo é o resultado parcial de pesquisa de mestrado, tendo como objetivo identificar como se constroem as idéias de herança cultura, etnicidade e identidade na arena turística do Roteiro Cultural Caminhos de Pedra – RS. Nesta etapa inicial foi realizada a análise do projeto de planejamento do roteiro e a reconstrução histórica do objeto de estudo com o intuito de identificar as relações entre visitantes e visitados e como estas se refletem nas representações de herança cultural, etnicidade e identidade da população local.

Palavras-chave: turismo; herança cultural, etnicidade, identidade, Caminhos de Pedra.

Introdução

No turismo a etnicidade, a identidade e a herança cultural podem ser utilizadas como atrativo. Quando isso ocorre, elas podem sofrer algumas transformações, essas fazem parte de um processo cultural. Ou seja, a cultura é dinâmica sofre influências externas constantemente, e o turismo contribui neste processo de transformação cultural. Desta forma, busca-se no presente artigo iniciar uma análise deste processo de transformação através do turismo, considerando as idéias de identidade e etnicidade refletidas na herança cultural, tomando como campo o Roteiro Cultural Caminhos de Pedra.

Buscando apreender este objetivo é importante realizar a análise do projeto de planejamento e da relação entre visitantes e visitados neste roteiro, visando compreender de que forma esse processo de reconstrução das idéias vem ocorrendo neste local e como estas são percebidas pelos moradores e comerciantes locais e pelos turistas.

É importante sublinhar que este artigo aborda o início da pesquisa e a análise parcial do projeto de planejamento e da relação entre visitantes e visitados através de uma recém iniciada etnografia no Roteiro Cultural Caminhos de Pedra em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul.

¹ Trabalho apresentado ao GT – Interfaces com o Desenvolvimento, a Cultura e o Meio Ambiente do IV Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Mestranda em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul – UCS, Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Endereço eletrônico: rita.michelin@gmail.com



Bento Gonçalves – Rio Grande do Sul: breve histórico e dado gerais.

Bento Gonçalves se localiza ao Sul do Trópico de Capricórnio, na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, distante 115 km da capital Porto Alegre. Está a 618 metros de altitude. Possui população estimada de 102.452 habitantes (IBGE, 2005). Cidade de imigração italiana é a Capital Brasileira da Uva e do Vinho³.

No ano de 1875, devido à imigração italiana para o Brasil, foram fundadas duas Colônias com os nomes de Dona Isabel e Conde D’Eu em homenagem a filha de D. Pedro II e seu consorte (marido). Em 1892, após a queda do Império, a Colônia de Dona Isabel, que antes era conhecida como Região da Cruzinha, devido a uma cruz rústica, cravada sobre a sepultura de um possível tropeiro ou traçador de lotes coloniais, passou a se chamar Bento Gonçalves, em homenagem ao General Bento Gonçalves da Silva que foi presidente da República do Piratini em 1835 (proclamada pelos Farrapos).

Na chegada a encosta nordeste do Rio Grande do Sul os imigrantes italianos recebiam um lote de 25 hectares de mata virgem, então desmatavam um trecho para fazer sua primeira plantação, neste período as acomodações eram precárias, geralmente, troncos ocos, barracas, buracos, etc. Essa fase é exemplificada através de um buraco sob as raízes de um Umbú (que é uma árvore também conhecida como “Maria-mole”) na Casa Bertarello no Roteiro Cultural Caminhos de Pedra, segundo relatos, esse buraco teria servido de abrigo aos primeiros imigrantes ali chegados.

Após a etapa de ocupação das terras, já estabelecidos com a consolidação de suas atividades produtivas, os imigrantes construíam suas casa permanentes com materiais elaborados artesanalmente (pedras irregulares ou talhadas, madeiras/tábuas serradas por eles mesmos), tendo como principais características os porões de pedra (que serviam como cantina) e a cozinha separada da casa, pois naquele tempo não havia luz elétrica, somente fogo, velas, fogareiros, entre outros, por este motivo aconteciam muitos incêndios, principalmente na cozinha que era o local da casa no qual a família se reunia “ao redor do fogo”. Então esta era construída separada da casa para que se houvesse um incêndio esse pudesse ser apagado a tempo para não incendiar o restante da casa.

Como a maioria desses imigrantes produzia vinho, principalmente para consumo próprio, esse fato torna-se um dos grandes motivos para a existência dos porões, pois eram

³ Informações obtidas através do site do município www.bentogoncalves.rs.gov.br acesso em 20 de Junho de 2007

utilizados para guardar as pipas que armazenam o vinho, sendo chamado de cantina ou adega familiar. Outra característica é que geralmente os porões eram construídos de pedra e o restante da casa em madeira, mas há exceções, como o porão e a casa totalmente em pedra.

Os Caminhos de Pedra

O Projeto Cultural Caminhos de Pedra teve início no final da década de 80 e foi *posto em prática* no início da década de 90, por um engenheiro e um arquiteto. O surgimento deste foi através de um levantamento do acervo arquitetônico do interior do Município de Bento Gonçalves. Através deste levantamento, realizado em 1987, foi constatado que o distrito de São Pedro era o que possuía o maior número de casas antigas que ainda conservavam traços da cultura e da história dos imigrantes italianos e também de fácil acesso. De acordo com a Associação dos Caminhos de Pedra, juntando esses fatores perceberam o potencial turístico da localidade e a necessidade de preservar tamanho acervo material, para que não fosse abandonado ou demolido.

Por meio de recursos da iniciativa privada, algumas casas começaram a ser restauradas para serem abertas a visitação. A primeira a receber um grupo de turistas foi a Cantina Strapazzon, no dia 30 de maio de 1992, aqueles eram provenientes de São Paulo e vieram através da Agência CVC. Tendo início a visitação turística ao roteiro.

Pelo sucesso do roteiro em 10 de Julho de 1997, por assessoria do SEBRAE, fundou-se a Associação Caminhos de Pedra para se resgatar o patrimônio cultural da localidade, sendo esse arquitetônico, as tradições, a língua (o dialeto *talian* ainda muito utilizado por parte dos moradores), dentre outros. Ou seja, buscando valorizar a etnicidade da população local. No ano de 1998 o Projeto Cultural Caminhos de Pedra passou a contar com a Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (Lei 10.846 de 19/08/1996), através de aprovação pelo Conselho Estadual de Cultura, passando a captar recursos de empresas locais.

Através do Projeto Cultural Caminhos de Pedra é os moradores do distrito de São Pedro foram incentivados a reconstruírem a sua identidade valorizando alguns traços de suas tradições, com objetivo de compartilhar estas com os visitantes. As casas ainda mantêm características originais das construídas pelos imigrantes italianos que colonizaram a Serra Gaúcha. Na sua grande maioria são casas de pedra ou então com o porão de pedra e o restante da casa em madeira, característica típica das construções de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Antes da implementação do Projeto algumas casas estavam descaracterizadas,

por exemplo, algumas haviam sido rebocadas, pois ter uma casa de pedra era sinônimo de vergonha e de estar parado no tempo, segundo os moradores. Então com os recursos recebidos pelo projeto o reboco foi retirado e as casas restauradas, retomando assim as suas características originais.

Este projeto é considerado pioneiro no chamado segmento – turismo rural cultural - pois

[...] despertou novas possibilidades de aproveitamento do patrimônio histórico – arquitetônico, valorizando a cultura regional expressa pela culinária, pelo linguajar (o dialeto vêneto, conhecido como *talian*), estilo de vida, pelos usos e costumes, típicos dessa região, formada principalmente por imigrantes italianos e seus descendentes (FÁVERO, 2006, p.75).

Este recebe uma visitação média anual de 50.000 turistas⁴. Atualmente o roteiro conta com 11 pontos de visitação e 52 pontos de observação externa⁵. Os atuais estabelecimentos de visitação são: Casa dos Doces Predebon; Casa do Leite; Restaurante Nona Ludia – Casa Bertarello; II Cantuccio Del Pomodoro e Della Gasosa (Casa do Tomate); Atelier Bez Batti – Casa Gilmar Cantelli; Casa da Ovelha / Hotel Cavalet; Casa do Artesanato; Casa Vanni - Restaurante e Tecelagem; Cantina e Casa Strapazzon; Cantina de Vinhos Finos Salvati & Sirena; Casa da Erva-Mate.

Etnografia

Objetivando identificar de que forma se constroem as idéias de herança cultural, etnicidade e identidade na arena turística do Roteiro Cultural Caminhos de Pedra utilizar-se-á o método etnográfico. Este surge com a Antropologia Moderna onde “os pesquisadores deixam de priorizar as informações indiretas, fornecidas por colonizadores, viajantes e missionários, para transformar a tarefa de coleta de dados em parte integrante de sua pesquisa” (SANTOS, 2005, p. 37). De acordo com Laplantine (2005) a pesquisa etnográfica passa a existir pela necessidade dos pesquisadores antropólogos saírem de seus gabinetes buscando coletar pessoalmente as informações necessárias das sociedades estudadas inserindo-se nessas e não apenas observando superficialmente.

Segundo Goldenberg (1999) são os trabalhos de dois antropólogos – Fraz Boas e

⁴ Dados fornecidos pela Associação Caminhos de Pedra.

⁵ Informações obtidas no site da Associação Caminhos de Pedra. Disponível em www.caminhosdepetra.org.br acesso em 20 de Junho de 2007.



Bronislaw Malinowski – que consagram a idéia do pesquisador “[...] passar um longo período de tempo na sociedade que estão estudando para encontrar e interpretar seus próprios dados, em vez de depender dos relatos dos viajantes, como faziam os ‘antropólogos de gabinete’” (*Ibid*, p.20-21).

Na etnografia o pesquisador deve buscar compreender o indivíduo dentro da sua sociedade e do seu ponto de vista. Essa se trata do mapeamento da cultura, por esse motivo, “[...] no campo *tudo* deveria ser anotado meticulosamente e que um costume só tem significado se estiver relacionado ao seu contexto particular” (GOLDENBERG, 1999, p. 21). Então para realizar este mapeamento é preciso se inserir na sociedade do indivíduo e lá observar tudo o que acontece buscando os significados a partir da visão do pesquisado.

Malinowski (1978) no trabalho de campo sugere três questões que ele buscou responder através do convívio com o outro registrado em diários de campo buscando compreender sempre o ponto de vista dos sujeitos. As questões são: o que os nativos fazem? O que realmente fazem? O que pensam a respeito do que fazem?

No trabalho de campo Malinowski colocou em prática a observação participante

[...] nesse tipo de pesquisa, recomenda-se ao etnógrafo que de vez em quando deixe de lado máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo. Ele pode tomar parte nos jogos dos nativos, acompanhá-los em suas visitas e passeios, ou sentar-se com eles, ouvindo e participando das conversas (MALINOWSKI, 1978, p.31).

Na observação participante, que faz parte da etnografia, o pesquisador deve se inserir no cotidiano da comunidade pesquisada em uma estada de longa duração, mergulhando na cultura nativa: “[...] o ‘estar lá’ implica o estabelecimento de uma relação com as pessoas das comunidades ou grupos estudados, exigindo do antropólogo, além dos procedimentos metodológicos, uma postura ética” (SANTOS, 2005, p.68).

Sendo assim, o método etnográfico será realizado com a comunidade do Roteiro Cultural Caminhos de Pedra, que se localiza no Distrito de São Pedro (Bento Gonçalves – RS), buscando compreender e interpretar, a partir da visão dos visitados, como é para eles a herança cultural, etnicidade e identidade em suas relações com os visitantes. Buscando realizar a etnografia com maior eficiência residirei no Distrito de São Pedro por um período mínimo de um mês.

A análise da relação entre visitantes e visitados foi iniciada no dia 14 de Julho de 2007, neste dia passei a residir no Distrito de São Pedro buscando um maior contato com a



população local para, dessa forma, poder realizar o método etnográfico para elaboração da pesquisa.

Herança cultural, etnicidade, identidade e arena turística

A natureza, a crença religiosa, os esportes, a herança cultural, a identidade e a etnicidade, dentre tantos outros, são utilizados como atrativos pela atividade turística. Se uma das motivações do turismo é a busca do exótico, do diferente, do outro, esse fato pode levar os visitados a

[...] se apresentar de acordo com o exotismo requerido pela perspectiva turística a fim de serem atrativos no mercado turístico. Devem ter sinais diacríticos a exibir, a serem consumidos nesse amplo mercado. A construção, promoção ou fortalecimento de sinais diacríticos que caracterizam (que definem culturalmente) um povo é o próprio âmbito da etnicidade (GRÜNEWALD, 2004, p. 02).

Dessa forma a etnicidade está no contexto da identidade dos visitados. Estes buscam os sinais diacríticos de sua identidade reconstruindo-os e renovando-os de acordo com a demanda turística e, assim, valorizando a sua etnicidade como um produto turístico. De acordo com Grunewald (2004), Nelson Graburn percebe a etnicidade como a construção identitária onde se tem a comunicação como um dos acessos ao outro. Ainda interpretando este autor, Grunewald (2004) afirma que uma identidade pode buscar renovar as tradições de acordo com um período anterior de uma cultura, ou mesmo buscando traços culturais distintos. Segundo Graburn (apud GRÜNEWALD, 2004, p.02), símbolos

de identidade podem ser emprestados, roubados ou mesmo trocados. Grupos podem desejar realçar seu prestígio aos seus próprios olhos ao aceitar materiais, símbolos e insígnias de outros grupos como se um poder mágico pudesse passar por imitação; ... De fato, seria difícil selecionar qualquer cultura ou subgrupo cujos símbolos culturais fossem totalmente de sua própria criação ou de sua própria história. Além disso, tais identidades 'emprestadas' são frequentemente úteis ou funcionais num mundo onde velhos grupos são degradados ou novas categorias e etnicidades estão sendo criadas.

Seguindo esta linha de pensamento, a etnicidade deriva de vários traços culturais formando assim uma identidade que passa a ser vivenciada como real em determinado momento, pois com o passar do tempo novos traços culturais vão sendo absorvidos e estes passam a fazer parte desta etnicidade tornando-se a herança cultural de um grupo.



A presença étnica determina, assim, um tipo particular de grau social que se alimenta de características distintas e de oposições de estilos de vida, utilizadas para avaliar a honra e o prestígio segundo um sistema de divisões sociais verticais. Mas essas características distintivas só têm eficácia na formação dos grupos étnicos quando induzem a crer que existe, entre os grupos que existem, um parentesco ou uma estranheza de origem (POUTGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.38)

É então esta relação de alteridade entre os visitantes e visitados que faz com que os moradores locais do Roteiro Cultural Caminhos de Pedra passem a valorizar a sua etnicidade tornando esta em um atrativo turístico, buscando reconstruí-la ou renová-la. Conforme Poutgnat e Streiff-Fenart (1998, p.124) “[...] a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas”. Ou seja, é através das diferenças culturais e do contato com o outro que a etnicidade se evidencia. Quando há uma comunicação entre diferentes culturas a identidade étnica se define.

A etnicidade não é vazia de conteúdo cultural (os grupos encontram ‘cabides’ nos quais pendurá-la), mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico (POUTGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.129).

Seguindo a base apresentada por Poutgnat e Streiff-Fenart acerca da etnicidade, tem-se que está é dinâmica, estando em constante construção. De acordo com Santos e Barretto (2006), anteriormente este fenômeno era conhecido como aculturação, no qual os traços culturais de outros grupos eram absorvidos por determinado grupo, entretanto, atualmente trabalha-se com a idéia de hibridismo uma vez que, quando uma cultura absorve traços de outra cultura, nenhuma deixa de existir, mas continua sendo percebida como cultura, na qual esse novo traço cultural faz parte, passando a ser característico dela. Através do termo hibridismo fica implícita “[...] uma concepção dinâmica e processual de cultura, já não mais concebida como sistema fechado” (SANTOS e BARRETTO, 2006, p.246).

Esse processo de seleção dos traços culturais da etnicidade que irão se transformar nos critérios de identificação de um grupo podem ocorrer objetivando a interação com o turismo. Esta “trata-se de uma ‘eticidade-para-turismo’ na qual culturas exóticas figuram como atração chave, onde os nativos se esforçam ‘para satisfazerem a demanda turística ou para fazer-se-nativo-para-turista’” (MACCANNEL *apud* GRÜNEWALD, 2004, p. 03) e “[...]o



turismo promove a restauração, preservação e a recriação de atributos étnicos” (*ibid*, p.03).

Seguindo a idéia de Grünewald, através do turismo a reconstrução da etnicidade não é totalmente negativa, pois contribui para se restaurar traços culturais que estavam se perdendo. Esta reconstrução contribui para a valorização da etnicidade e da identidade de um grupo. No entanto essas não são reconstruídas da mesma forma que ocorria em gerações passadas, pois há uma transformação, um contato com outras culturas e a absorção de traços diferenciados, formando assim determinada etnicidade que não deixa de ser original, mas também, não se trata de uma etnicidade totalmente nova.

No caso a ser estudado do Roteiro Cultural Caminhos de Pedra muitos traços culturais “italianos” foram se alterando com o passar do tempo. Entretanto, isso não significa que os descendentes dos imigrantes italianos perderam a sua etnicidade. Mesmo absorvendo outros traços culturais mantém traços étnicos particulares.

O realce da identidade étnica exprime-se, assim, inicialmente através de um rótulo étnico entre outros meios possíveis de identificação das pessoas. É apenas depois de ter selecionado esse rótulo [...] que os comportamentos, as pessoas, os traços culturais que eles designam surgem quase naturalmente como “étnicos” (POUTGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.129).

A identidade de um grupo é, de acordo com Hall (2004, p.38), “[...] realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Esta se forma pela comunicação com diferentes grupos e pela absorção de traços culturais diferenciados, sendo assim dinâmica e estando em constante construção/formulação.

Em uma arena turística, “[...] espaço social onde ocorrem interações geradas pela atividade turística” (GRÜNEWALD, 2004, p.05), a “[...] etnicidade aí e a identidade étnica construída nesse palco também é legítima e autêntica na medida em que autênticos e legítimos são os turismos nesses espaços sociais” (*ibid*, p.05). Esta noção de arena turística, apresentada por Grünewald pode ser aplicada ao Roteiro Cultural Caminhos de Pedra da seguinte forma

[...] os membros de *comunidades étnicas* podem se inserir em atividade turísticas, formando, junto com outros membros da comunidade étnica e outros que não o são, *comunidades turísticas*, que existem concretamente e cujas fronteiras podem ser bem mais amplas tanto do que as da *arena turística* onde se desenvolve a experiência turística, quanto do que a da comunidade étnica. Mas se há uma *eticidade* que é elaborada nessa arena e visando os recursos turísticos, há então uma experiência de *turismo étnico*. Os membros da comunidade étnica envolvidos nesse processo e mais todos



aqueles de fora da comunidade, mas que também estão envolvidos nessa promoção do turismo étnico, formam todos a *comunidade etnoturística* (GRÜNEWALD, 2004, p.06).

O Distrito de São Pedro juntamente, com as comunidades de Santo Antônio e Santo Antoninho, formam, uma comunidade etnoturística na qual os membros que se inserem na atividade turística são considerados membros de comunidade étnica e o roteiro, que é o espaço no qual há a interação gerada pelo turismo, é a arena turística.

Portanto, uma das tarefas do projeto no qual se insere este artigo é identificar como se constroem as idéias de herança cultural, etnicidade e identidade na arena turística do Roteiro Cultural Caminhos de Pedra através da análise do planejamento do projeto deste roteiro da análise da relação entre visitantes e visitados.

Análise do planejamento do projeto Caminhos de Pedra

No projeto intitulado *Caminhos de Pedra – Projeto de Resgate da Herança Cultural* elaborado pelo arquiteto Julio Posenato no ano de 1998 o objetivo é a educação da comunidade para o resgate e a valorização da história e do patrimônio cultural local. Pelo fato de que, conforme relatado no projeto (POSENATO, 1998, p.04), a população local tinha vergonha pela sua herança cultural, pelo seu sotaque de “gringo”, além da vergonha pelas suas “casas de colono”. Para os moradores do Distrito de São Pedro ter uma casa antiga era sinônimo de pobreza e de não ter acompanhado o progresso como os vizinhos mais abonados. Então quando possível derrubavam ou reformavam as casas antigas buscando dar características de moderna as mesmas.

Percebe-se que o projeto reconhece o valor da herança cultural e do patrimônio da comunidade de São Pedro que já estava sendo abandonado por motivo de vergonha e também pelo processo de modernização e transformação cultural. Nesse ponto tem-se o turismo como um aliado, pois a atividade turística contribui para a comunicação entre diferentes grupos incentivando a valorização à herança cultural e a etnicidade.

De acordo com Julio Posenato (1998), a conservação da herança cultural deveria proporcionar renda à comunidade local e ser valorizada pelo público externo, para que assim os visitados também valorizassem o seu patrimônio. Sendo assim, o projeto visa o turismo rural com o intuito de desencadear o reconhecimento dos valores culturais “ítao-brasileiros” e o turismo seria a forma de proporcionar suporte viável para que o objetivo básico do projeto fosse alcançado. Este projeto apresenta que a residência, como local de trabalho e lazer,

concomitante à atividade econômica do turismo essa leva a reconhecer a importância do patrimônio como elo de ligação de mundos aparentemente desconexos. Entretanto, atualmente, são poucas as casas que são residências e local de trabalho, pois a grande maioria das casas do roteiro foram transformadas apenas em estabelecimentos comerciais.

Neste roteiro

o visitante retrocede ao antigo ambiente colonial onde encontra, exatamente como naquela época, as moradias peculiares de pedra e madeira com até quatro pavimentos; ermidas nos caminhos e capela com o campanário separado, característicos da Itália; a cantina com fabricação caseira de vinhos; os estabelecimentos da proto-indústria movida a roda d'água: moinho, ferraria, serraria; produtos autênticos de artesanato e culinária (POSENATO, 1998, p. 08)

Entendo que o visitante não encontrará “exatamente como naquela época”, isso porque os moradores locais tinham a herança cultural como sinônimo de vergonha e também pelo processo de modernização, que levou muitos residentes a modificarem suas moradias. Através do Projeto Cultural Caminhos de Pedra as casas foram restauradas, entretanto não se pode dizer que são exatamente como eram. A etnicidade dos visitados, assim como suas residências, também foi reconstruída buscando a valorização da sua herança cultural.

O projeto ainda chama atenção para o fato da “arquitetura aculturada” (POSENATO, 1998, p.21) neste roteiro. Essa arquitetura se refere aos casarões em madeira, o que não acontecia na Itália. Lá as construções eram de alvenaria, mas chegando ao Rio Grande do Sul, os imigrantes, com a grande quantidade de madeira disponível, recorreram a ela para erguer as suas moradias, seguindo as características arquitetônicas italianas, mas alterando a matéria prima da construção.

“A busca de formação de uma identidade própria é constante em qualquer grupo, todo e qualquer auxílio a ser dado necessita entender o princípio da não-intervenção, mas compreensão de suas peculiaridades” (POSENATO, 1998, p.93). Então as peculiaridades da etnicidade contribuem para a construção da identidade, a partir do momento que aquelas se tornam diacríticas para um determinado grupo identificando-o, colaborando para a valorização tanto da sua etnicidade quanto da sua identidade.

Análise da relação entre visitantes e visitados

Essa se trata de uma análise inicial da relação entre visitantes e visitados no Roteiro Cultural Caminhos de Pedra, produto da observação participante em uma das casas do roteiro.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

Em dois dias acompanhando todo o trabalho da família e a relação existente entre ela e os turistas, percebi muitas nuances. No roteiro há dois tipos de visitantes, os excursionistas e os particulares. Os primeiros geralmente vêm acompanhados por guias e com horário agendado para a visita, já os segundos chegam a todo o momento de carro e a grande maioria vem sem pressa, diferente dos excursionistas que têm o tempo de permanência controlado pelo guia. Este fator influencia muito na relação entre os locais e os turistas.

É visível a diferença na relação dos turistas excursionistas e dos turistas particulares com os moradores. Os excursionistas não demonstram muito interesse em aprender sobre o funcionamento da casa e a história da família, buscam mais a compra de *souvenirs* e principalmente tirar fotografias. Contudo, os turistas particulares demonstram grande interesse a todo o conteúdo histórico que remete à etnicidade quando relatado pelos visitados. Este tipo de turista, por não estar incluído em um grupo, tem mais tempo disponível e por este motivo conversa mais com os moradores locais, pergunta, contesta, conta histórias, interage com o visitado muito mais que o turista de excursão.

Realmente, com o turismo e a recepção aos visitantes, os anfitriões sentem orgulho de sua etnicidade e procuram reiterar sua identidade baseada nos traços culturais dos imigrantes italianos. Os visitantes vão ao roteiro esperando encontrar essa identidade, alguns chegam a casa falando *talian*, como se este dialeto fosse falado constantemente como ocorria com os primeiros imigrantes.

Os moradores locais mais velhos (pai e mãe) são os que mais se dedicam ao turismo e a recepção aos turistas. Os mais novos (filhos) ajudam os pais, entretanto não demonstram o mesmo prazer que os seus pais têm em receber os visitantes, mostrar a casa, contar histórias e conversar com estes.

Percebi que os turistas realmente buscam a herança cultural italiana neste roteiro. Quando um visitante chegou a Casa da Erva-Mate (na qual é apresentado o processo de fabricação da erva-mate e os visitantes são convidados a degustar o chimarrão) questionou: “O que a erva-mate tem haver com a cultura italiana?”. Diante deste questionamento o anfitrião respondeu explicando que o chimarrão é da cultura indígena e gaúcha e quando os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul aprenderam com aqueles o hábito de tomar o chimarrão e também para se aquecerem no frio. Desta forma esse traço cultural foi absorvido tornando-se parte desta etnicidade “íto-brasileira”.

Esse fato chama atenção para o hibridismo cultural, pois estes descendentes de



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

italianos continuam falando o dialeto *italian*, seguindo outros costumes dos imigrantes italianos e tomando chimarrão, sendo assim, ambos os traços culturais tornam-se parte da herança cultural deste grupo e contribuem para a formação da identidade dos mesmos.

Considerações finais

Através da análise inicial do projeto de planejamento e da etnografia parcial com observação participante percebi que no Roteiro Cultural Caminhos de Pedra a construção das idéias de etnicidade, herança cultural e identidade estão em um processo constante de revitalização. Este processo ocorre principalmente pela demanda do turismo que tem a herança cultural como um dos atrativos fundamentais deste roteiro. Estas idéias são dinâmicas, sofrem influências externas, seja pela comunicação ou mesmo pelo processo de modernização e transformação no qual nenhuma cultura é estática.

No Roteiro Cultural Caminhos de Pedra a vergonha pela herança cultural influenciada pelo avanço da modernidade foram fatores contribuintes para o “esquecimento” desta herança. Entretanto, através do turismo se buscou reconstruir essa herança cultural valorizando a etnicidade e a identidade dos descendentes de italianos sendo reconhecida pelos visitados através do desenvolvimento da atividade turística e pela valorização por parte dos visitantes.

Este artigo é apenas o resultado parcial de uma pesquisa ainda não concluída. Até o momento pude identificar que o processo de reconstrução das idéias de herança cultural, etnicidade e identidade, foi iniciado com um projeto que apelava ao “resgate” da herança cultural e reforçado com o desenvolvimento do turismo no Distrito de São Pedro. Todavia este estudo ainda está incompleto, faltando uma análise mais aprofundada do projeto de planejamento e, principalmente, o aprofundamento da etnografia completa da relação entre visitantes e visitados.

Referências bibliográficas

FÁVERO, Ivane M. R. **Políticas de turismo: planejamento na Região Uva e Vinho**. Caxias do Sul: Educs, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GRÜNEWALD, Rodrigo de A. **Turismo, cultura e identidade étnica**. 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda – PE. 2004.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** – disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. Traduzido por: Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Traduzido por: Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

POSENATO, Julio. **Caminhos de Pedra – Projeto de Resgate da Herança Cultural**. Bento Gonçalves, 1998.

POUTGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SANTOS, Rafael J. dos. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SANTOS, Rafael J. e BARRETTO, Margarita. **Aculturação, Impactos Culturais, Processos de Híbridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo**. In: **Turismo Em Análise**. Vol.17. n.2. p 244-261. São Paulo: Aleph. 2006.